

denominação
Fazenda Santo André

código
AIV - FO5 - PS

localização
Estrada Fortaleza, 3.125

município
Paraíba do Sul

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
industrial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Cercada por morros arborizados, protegidos pelo proprietário atual, que vislumbrou, em 35 anos, o crescimento da mata nativa no de fundos, a casa-sede está implantada na base deste, e tem, à frente e à esquerda, um platô no mesmo nível da sede e abaixo deste, outro, onde outrora haviam os terreiros de café.



01



02



03

coordenador / data
equipe
histórico

Domingos Espíndola de Aguiar - dez 2007
Elomir Gumiero de Moraes e Saulo
Adriano Novaes

revisão / data
Alberto Taveira - abr 2008

Segundo o proprietário, o alicerce em pedra existente na frente e à direita da casa-sede era da antiga sede do século XVIII e que, à esquerda da atual sede, no platô inferior, eram as senzalas.

A atual casa-sede tem dois pavimentos e, à sua frente, após o platô, área alagadiça, mantendo, à direita, plantações de figos e bananeiras para industrialização.



04



05



06



07

A casa-sede apresenta dois pavimentos e conformação em planta que induz à forma de um “C”, possuindo telhado de elevado ponto recoberto por telhas atuais, do tipo paulista.

Sua fachada principal mantém, no térreo, cinco vãos intercalados, sendo três de portas e dois de janelas, todos com cercaduras em madeira e vergas retas, com esquadrias cegas em madeira com duas folhas. No pavimento nobre há dez vãos de janelas que, apesar de não conferirem a modulação do inferior, apresentam simetria em relação ao eixo central da composição, sendo vedados por esquadrias externas em guilhotina, com caixilhos de vidro e internas em madeira almofadada, com duas folhas.

Os beirais mantém cimalthas de madeira com frisos, nos trechos existentes, deixando à mostra apenas as telhas cerâmicas (pingadeiras), recebendo a composição, nos extremos, à guisa de cunhais, pilastras dóricas em massa.

Portas e janelas com vergas retas, alinhadas ao gosto neoclássico e, em sua quase totalidade, em madeira com bandeira em vidro. Já as janelas em guilhotinas externas com duas externas folhas de madeira.

Os elementos decorativos externos restringem-se à cimaltha e, internamente, às paredes decoradas da capela: a pintura de suas portas e paredes, ao seu altar trabalhado e dourado.

Como presença de elementos atípicos à casa-sede, existe a pintura decorativa dos vidros da bandeira em arco da capela, em extemporânea cor rosa.

No pavimento térreo o embasamento é feito por paredes de pedra recobertas por emboço / reboco, mesmo material dos cunhais, porém, neste caso, lavrada. No segundo pavimento as paredes externas receberam preenchimento em tijolo cerâmico convencional, deixando o pau-a-pique, com pintura decorativa, para dentro. Portas internas com bandeiras e janelas em guilhotina, todos com vergas retas, exceção feita à já citada porta da capela, com bandeira em arco pleno.



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



41



42



43



44



45



46



47

Na fundação, o embasamento é constituído de pedra, terra, cal e areia, e recoberto por emboço / reboco, não aparecendo trincas. Porém, percebe-se a presença de umidade ascendente, devido ao contato direto com o solo na adega e, nas paredes frontais, devido à ação das intempéries e à ausência de pintura preventiva, de manutenção. Aparecem, também, manchas de fezes de andorinhas e morcegos.

Atrás dos tonéis de cachaça, no primeiro pavimento, surgem rachaduras provocadas por recalque das paredes de vedação. No segundo pavimento a estrutura das paredes externas foi modificada com o emprego de tijolos cerâmicos contemporâneos, permanecendo a estrutura de pau-a-pique nas paredes internas.

Apesar da troca de telhas da cobertura em passado recente, há pontos que ainda permitem passagem de água da chuva, pois há sinais de umidade descendente nos forros e paredes internas do segundo pavimento, bem como, externamente, a cimalha de madeira apresenta vários pontos deteriorados, com presença de fungos e vestígios de ataques de insetos xilófagos.

Aparentemente os pilares, frechais, madres e baldrames, no segundo pavimento, em grande parte das paredes encontram-se em bom estado de conservação, pois não há trincas e fissuras nas paredes de vedação, devido à substituição externa do pau-a-pique por tijolos cerâmicos, exceto no escritório ligando as duas salas. Há, entretanto, vestígios de cupim na capela.



48



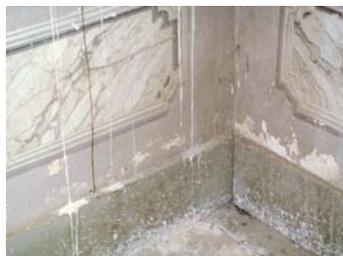
49



50



51



52



53



54



55



56



57



58



59



57



58



59



60



61



62



63



64



65



66



67



68



69



70



71



72



73



74



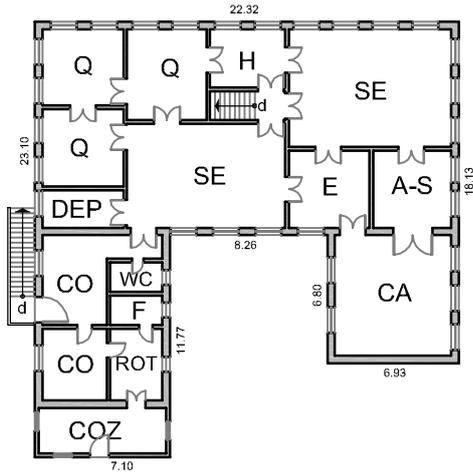
75



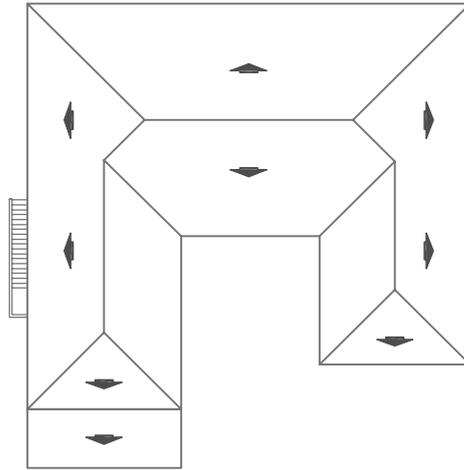
76

Observações:

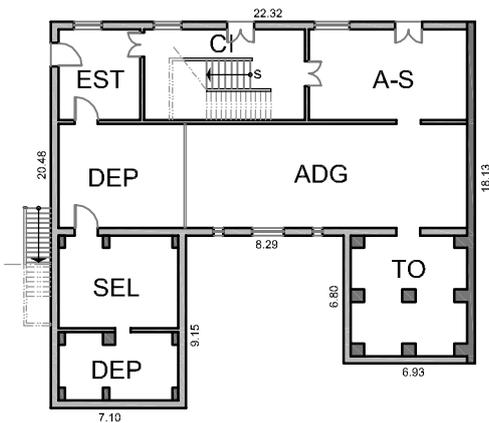
1. A maior parte das paredes de pau-a-pique, originais da casa, foram sacrificadas devido ao seu mal estado conservativo. Esta tipologia estrutural somente foi mantida nas paredes onde existem pinturas decorativas, especialmente na capela;
2. A sede foi adaptada para a produção de cachaça e doces industrializados;
3. Os antigos terreiros de café, em frente à sede, estão cobertos de vegetação; as antigas senzalas não mais existem.



2 Planta Baixa da Sede - 1o. PAV escala: 1/400



3 Planta Baixa da Sede - Cobertura escala: 1/400



1 **FAZENDA SANTO ANDRÉ**
Planta Baixa da Sede - Térreo escala: 1/400



ADG - adega	CO - copa	E - escritório	ROT - rotulagem	Q - quarto	
A-S - ante-sala	COZ - cozinha	EST - estoque	SE - sala de estar	TO - tonéis	
CA - capela	DEP - depósito	F - freezer	SEL - seleção	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIV - F05 - PS

1/1

equipe: Domingos E. de Aguiar/ Elomir G. de Moraes/ Saulo R. de Souza	desenhista: Elomir Gumiero de Moraes	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------	-------------------------------	-------------------

Supõe-se que esta fazenda foi resultado do desmembramento de terras adquiridas na primeira metade do século XIX por Inácio Pereira Nunes.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Inhaúma, Inácio Pereira Nunes foi de fato um dos pioneiros na cultura do café em terras de Paraíba do Sul. Não se sabe ao certo quando teria chegado à região, mas, em princípios do século XIX, com certeza, já se encontrava por lá.

Inicialmente foi proprietário de uma plantação de subsistência e olaria na Fazenda do Inema, localizada na margem direita do Rio Paraíba do Sul. Com o tempo foi adquirindo várias outras fazendas em pura mata.

Inácio também exercia a atividade de usurário, inclusive, tornou-se senhor de diversas fazendas através da execução de bens hipotecados a ele.

Tinha preferência pelas terras da Serra das Abóboras, nas vertentes do Rio Paraíba do Sul. Suas primeiras propriedades nesta região foram os sítios Água Limpa e Serra, havidos por compra da viúva de José Fernandes dos Santos.

Quando da Revolução em Minas Gerais, no ano de 1842, prestou em sua Fazenda da Cachoeira grande auxílio à tropa legal de Caxias, ali baseada antes da tomada de Paraibuna. Por esse motivo, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a Comenda da Ordem de Cristo. Desde então passou a ser conhecido como Comendador Inácio Pereira Nunes.

Segundo o grande historiador Pedro Gomes da Silva, Comendador Pereira Nunes enriqueceu rapidamente com o café, possuindo cerca de 1.000 escravos. Tinha também quase 300 bestas de carga, que faziam o percurso de suas fazendas até ao Porto de Estrela, levando gêneros de toda a espécie, toucinho e café. Na volta vinham com o sal, sabão e ferramentas necessárias à lavoura.

Ele reservou para tratamento dos animais de carga uma fazenda inteira, a do Sossego, nas imediações do pico culminante da Serra das Abóboras, a pedra Monte Cristo.

Tamanha era a quantidade de terras “adquiridas” ao longo dos anos, que, ao falecer, em 28 de março de 1857, deixou uma fazenda para cada filho, todas com mais de 100 alqueires de terras, e grande parte ainda em pura mata virgem. As fazendas originadas em suas terras foram as seguintes: Cachoeira, Caxambu, Santa Tereza, Sossego, Retiro, Fortaleza, Independência, Água-Limpa, Santo André, Serra, Santo Elias, Santa Vitória, Bom Sucesso e Barreira.

Carlos Pereira Nunes fundou, em terras do seu pai, por volta de 1840, a Fazenda Santo André. Nesta fazenda casou-se, em 1842, com Florinda do Couto, com quem teve 10 filhos.

Carlos Pereira Nunes foi agraciado com o título de Barão de São Carlos, em 28 de agosto de 1877. O merecimento ao título de nobreza foi em função da doação de grande quantia em dinheiro à Casa de Caridade de Paraíba do Sul e à Sociedade de Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, custeando, inclusive, as despesas do hospital por dois meses. O Barão de São Carlos não se limitou apenas a ser cafeicultor. Era também um importante financista na zona de Paraíba do Sul.

Por morte do Barão de São Carlos, ocorrida em março de 1894, a fazenda passou à Baronesa, que a legou ao filho Cristóvão Pereira Nunes, médico e vereador da Câmara Municipal de Paraíba do Sul.

Até a primeira metade do século XX, esta fazenda ainda pertencia aos herdeiros do Barão de São Carlos. Em 1920, Carlos Charlier Nunes era seu proprietário e, em 1935 já pertencia à família Tostes.